

ENSAIO SOBRE O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

NEWTON BANKS*

O sentimento de poupar a natureza, respeitando-a e endeusando-a, sempre esteve na mente do homem, por intuição inata que irrompe das profundezas do inconsciente coletivo.

A veneração da natureza teve a sua expressão mais cristalina e dignificante entre os gregos, que designaram o nosso planeta por Mãe Terra e o consideraram o elemento primordial donde provieram os deuses. O seu nome era Gaia.

Com o natural progresso sócio-econômico criaram-se novas necessidades e cresceu a busca de matérias-primas vegetais e animais, intensificada pelo concomitante aumento populacional, acelerando a dizimização desordenada da flora e da fauna. Acreditava-se serem inesgotáveis os recursos naturais e não havia preocupação conservacionista. Estabeleceu-se, porém, uma hierarquia de valores utilitários de plantas e animais embora, em alguns casos, fossem computados valores emocionais e simbólicos (Thomas, 1988).

Foram sumindo na voragem do progresso inebriante as seculares florestas de cedro-do-líbano do Oriente Médio, as florestas dos arredores de Paris, do sul da Itália, da Síria, da Grécia, grandes áreas da Floresta Amazônica, quase toda Mata Atlântica, os pinheiros do Sul do Brasil, enfim, em todo mundo, pelo progresso, a avalanche antropocêntrica desflorestou grandes áreas e, quanto à fauna, extinguiu espécies e levou outras à beira da extinção.

Já no século XIV despontou a necessidade de um ordenamento para a exploração dos recursos naturais, com a proibição, na Inglaterra, das serras hidráulicas e com a proteção das florestas dominiais. Em 1669, Colbert, visando erradicar a "escassez da madeira", publicou o decreto das

* Ex-Professor Titular de Zpologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Águas e Florestas e, posteriormente, Rumford e Duhamel du Monceau introduziram importantes modificações tecnológicas para "economizar madeira".

Tudo, porém, sem nenhuma sensibilidade ecológica. Apenas protegiam as suas riquezas (Acot, 1990).

O contínuo aprimoramento científico e tecnológico trouxe a Revolução Industrial, cujas causas são assim sintetizadas por Burns (1957, p. 647): "Tanto quanto é possível reduzi-la a uma fórmula sintética, pode-se dizer que a Revolução Industrial compreendeu:

1. a mecanização da indústria e da agricultura;
2. a aplicação de energia à indústria;
3. o desenvolvimento do sistema fabril;
4. um excitante aceleração dos transportes e das comunicações;
5. um notável aumento do domínio capitalístico de quase todos os campos da atividade econômica.

Embora a Revolução Industrial já tivesse sido iniciada em 1760, não alcançou seu inteiro ímpeto antes do século XIX".

Completando, transcrevemos Azevedo (1990, p. 343-344): "Termo adotado para designar as profundas transformações econômicas ocorridas, inicialmente, na Inglaterra, a partir da segunda metade do século XVIII e rapidamente estendidas a outros países do Ocidente. Internacionalizada, a Revolução Industrial elevou-se à condição de fenômeno mundial, consolidando definitivamente o modo de produção capitalista. No processo de industrialização, dois princípios básicos foram, e ainda hoje são, à busca constante de novas fontes de energia e sua aplicação em máquinas capazes de produzir bens. A mecanização trouxe várias e surpreendentes mudanças nas manufaturas, cuja natureza foi drasticamente alterada, por força da introdução da maquinaria e pelas novas formas de organização do trabalho, mais produtivas e organizadas. Novas classes sociais, predominantemente urbanas, surgiram, decorrentes da vinda de mão-de-obra para a cidade. Entre elas, o proletariado, a camada mais baixa da *urbs*. As relações comerciais, por sua vez, na tentativa de adaptarem-se aos novos tempos, tiveram que alterar-se estruturalmente. As máquinas exigiam grandes somas em dinheiro".

"Corporações, novos sistemas bancários e a participação direta dos governos forneciam os meios para arrecadação das quantias necessárias. O Estado assumiu, também, o papel de regulador das leis trabalhistas e dos órgãos classistas (*trade unions*), fornecendo subsídios às indústrias e

formulando regulamentos bancários. Da industrialização decorreu um processo de centralização da economia, quer no governo quer na formação de grandes empresas privadas. Ao mesmo tempo, o escoamento da produção exigiu o desenvolvimento de novas técnicas de propaganda, lojas de departamento, transportes em larga escala. O nível de consumo subiu a patamares nunca antes vistos; a agricultura alterou-se lenta e gradualmente e a mecanização afetou, enfaticamente, a indústria têxtil, metalúrgica, mineradora e química. Nos últimos anos do século XVIII várias invenções importantes contribuíram decisivamente para essas transformações, algumas custando a difundir-se mas tendo como consequência um notável avanço nas áreas industriais. Entre elas, a primeira máquina de tração intermitente (*spinning jenny*), o urdidor hidráulico (*water frame*), a lançadeira volante, o tear mecânico, a fiadeira intermitente (*mule*), a máquina a vapor, o torno, a malhadeira e outros. Esses inventos, porém, jamais teriam sucesso se as condições sociais não possibilitassem o seu emprego. Sabiamente, um moderno historiador assinala que "não existe criação sem nada, que surja como um milagre, explicável apenas pelo poder misterioso da inspiração individual". Iniciada e liderada pela Inglaterra no século XVIII, a Revolução Industrial estendeu-se ao Ocidente europeu (Alemanha França, Bélgica, Rússia) e aos Estados Unidos, no decorrer do século XIX. Considerada a mais revolucionária das mudanças sócio-econômicas, ela parece estar longe de ter esgotado seus efeitos".

A onda progressista levantada pela Revolução Industrial propagou-se pelo mundo, mais rápida e intensamente, porém, nos países do Setentrião, melhor aquinhoados geográfica, social e economicamente que, desde então, se afirmaram como vanguardeiros do progresso, detentores do capital. Nesta condição privilegiada, constituíram o chamado primeiro mundo que, cada vez mais pressionado pela crescente necessidade de energia e de matéria-prima para as suas indústrias, lançou-se sobre os países bem mais fracos do sul e, sob o eufemismo das colônias e dos protetorados, arrebatou-lhes as riquezas naturais, muitas vezes a ferro-e-a-fogo.

A Revolução Industrial influenciou tão profundamente na estrutura da sociedade que tem condicionado a ordem sócio-político-econômica do mundo até hoje, sempre no encalço do capital, seu "leitmotiv", embora tenha "completado o catálogo dos crimes".

Entrementes, evoluíram, também, as ciências e o homem foi adquirindo maior conhecimento da fenomenologia interativa dos seres vivos entre si e com o seu meio telúrico e, talvez, num lampejo, mesmo inconsciente, do sentido de unicidade, Hutton (1785) imaginou a Terra como um organismo vivo capaz de reagir às agressões. Os conhecimentos sobre a Terra e os habitantes corporificaram uma nova ciência que Haeckel (1866) chamou Ecologia.

Descobre, então, que a fenomenologia terráquea é um contínuo teleológico e dá conta de que as agressões à natureza produzem reações em cadeia, muitas vezes bem distantes (no espaço e no tempo) do foco de origem, quase sempre prejudiciais aos ecossistemas. Tais inovações foram um impacto na filosofia da usura, que obrigou o mundo capitalista a encontrar estratégias exploratórias que preservassem, o mais possível, os recursos naturais sem afetar, contudo, o seu "status" econômico.

As nações criaram órgãos científicos e administrativos diversos para impedir a exaustão de Gaia; sobreveio o "boom" do ecocapitalismo, a Ecologia virou modismo e as Organizações não Governamentais (ONG) surgiram às centenas. Foi levantando o estandarte da cruzada mais portentosa em que a humanidade já se empenhou - o desenvolvimento sustentável.

O desenvolvimento sustentável, expressão criada pelo relatório Brundtland em 1987, é definido, historicamente, como o "desenvolvimento permanente que produz um mínimo de rejeitos e recicla tudo que for possível" (apud Crespo; Leitão, 1993, p. 26).

Apesar desta definição, chamam-no "caixa preta" e argumentam: "se alguém me disser o que é desenvolvimento sustentável, eu agradeço. Hermann Dalle já selecionou 131 definições diferentes do que ele significa" (ibid, p. 26).

Ainda, outros, dizem que "é difícil se entender o desenvolvimento sustentável em um mundo onde as pessoas emigram dos campos para as cidades e do sul para o Norte" (ibid., p.25).

Para outros, o desenvolvimento sustentável beneficia apenas 1/5 da humanidade, excluindo o restante, daí preferirem o conceito "socialmente justo e ecologicamente responsável". (ibid, p. 26).

Ecologistas acham que é "um engodo; que é o velho desenvolvimento com atributos novos; que nos padrões atuais a organização da produção não é possível com a sustentabilidade dos recursos naturais, uma vez que o próprio desenvolvimento acarreta a

exaustão destes recursos (ibid, p. 26). Assim opinou um jornalista: "Acho que o desenvolvimento sustentável é possível, dependendo da evolução que a idéia e as ações possam vir a ter em nível planetário. Está claramente demonstrada a inviabilidade do padrão organizacional que aí está capitalista ou comunista..em tese acho que o Brasil é o país com maior possibilidade, no mundo, pelo fato de termos mais de 50% do território preservado. Em segundo lugar, como diz a Ana Júlia, diretora do Jardim Botânico do DF, em matéria de biodiversidade, Primeiro Mundo somos nós" (ibid, p. 26).

Estas divergências quanto à conceituação de desenvolvimento sustentável foram seguidas pelas críticas à sua implementação que, freqüentemente, vai de encontro aos ditames da Ecologia mas, geralmente, está consoante com o figurino do capitalismo.

Ainda em 1992, argumentavam os seus áulicos que a preocupação com o meio ambiente era uma estratégia para atrasar o desenvolvimento econômico do país (Nogueira Neto, 1995).

Enfim, mesmo como uma reação de autodefesa, prevaleceu o desenvolvimento sustentável e as gestões respectivas culminaram na Eco-92, que congregou quase todas as nações do globo e reuniu cerca de trinta mil pessoas e terminou pela assinatura de tratados, agendas, normas e protocolos disciplinadores da exploração da Terra. Todos nós sabemos dos impecilhos que têm sido encontrados para o seu desempenho muitas vezes rotulados com a "falta de vontade política", cuja imprecisão semântica enconbre os mais diversos motivos mantenedores do velho figurino.

"Há uma preocupação internacional com a consciência ecológica. Mas existem interesses geopolíticos" (Becker, 1995, p. 13).

"Não noto qualquer interesse sincero. Às vezes não se consegue uma coisa simples, como a ampliação de uma reserva, que pode ser feita com poucos reais"(Coimbra Filho, 1995, p. 28).

"O pensamento ocidental deseja sempre dominar o mundo. Isto está presente na ciência e na política"(Carneiro Leão, 1996, p. 36).

"Existe um abismo entre o que a cultura fala e a sociedade faz. Existe uma ambivalência entre o elogio da natureza, que todo mundo faz, e o desprezo por ela, que todo mundo exerce" (ARNT, 1992, p. 24).

Há uma explosão de interesses no espiritualismo voltado para a Terra e a natureza" (Reverendo Lesley R. Phillips, apud Murphy, 1992, p. 22).

"Os países industrializados caminham no sentido de sujeitar a exportação de seus detritos tóxicos ao consentimento prévio do país que recebe (Artigas, 1994, p. 15).

"Mas o tema do planejamento familiar nos anos 90 transcende a esfera individual e passa a fazer parte da agenda de debates de meios acadêmicos e de órgãos técnicos, científicos e políticos. É que a população mundial - que já atingiu 5.6 bilhões de habitantes e aumenta 93 milhões

cada ano - poderá duplicar até o ano 2.100, caso o atual ritmo de crescimento demográfico seja mantido. O impacto desse fenômeno na queda do nível de vida e na degradação das condições ambientais mobiliza especialistas das diferentes áreas do conhecimento, que procuram traçar estratégias para evitar uma catástrofe" (Bisso, 1994, p. 4).

A não-autenticidade do desenvolvimento sustentável radica-se na própria evolução espiritual do homem, que, ainda, não lhe permite sentir o transcendental liame do universo e o mantém escravizado pelo milenar egocentrismo; não lhe permite assimilar uma nova mundividência em face da problemática ecológica, mundividência balizada pelos parâmetros:

- a) contenção do crescimento demográfico por método moral e racional (comprovação dos postulados de Malthus e seus dedobramentos);
- b) menor ambição pela riqueza e pelo poder;
- c) aceitação do progresso tecnológico atual como bastante para o bem-estar da humanidade sem, contudo, sufocar a natural investigação científica.

Dentro destas linhas, procuramos sintetizar o combate às causas primárias dos "desastres ambientais", causas estas resultantes da ignorância do pensamento holístico que, embora milenar na Filosofia do Oriente, agora que se difunde no Ocidente.

A professora Maria Eduarda de Larrazabal almeja "que a humanidade consiga uma forma mais adequada de utilizar os recursos naturais".

Acreditamos que essa adequação só será alcançada pela senda da doutrina holística que capacitará o homem a exercer o desenvolvimento sustentável legítimo.

Um dia, certamente, a Terra terá o seu fim que, na expressão de Stahel (1995), será relacionado com o esgotamento dos recursos naturais.

ABSTRACT

THE AUTHOR PRESENTS A PHILOSOPHICAL ESSAY ON THE SUSTAINABLE DEVELOPMENT.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ACOT, Pascal. *História da Ecologia*. Tradução por Carlos Gomes. Rio de Janeiro: Campus, 1990, p. 212.
2. ARNT, Ricardo. O refinamento da cidadania. *Ecologia*, São Paulo, 2, n. 22, dez, 1992.
3. ARTIGAS, Carmem. O homem no centro da negociação ambiental. -----, São Paulo, v. 3, n. 41, jul., 1994.
4. AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 406p.
5. BECKER, Berta K. O nascimento de uma nova Amazônia. *Ecologia*, São Paulo, v. 4, n. 48, Fev., 1993.
6. BISSO, Beatriz Superpopulação: um risco para o planeta? -----, São Paulo, v. 3, n. 42, agosto, 1994.
7. BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Globo, 175. 2 v.
8. CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. A esperança do ser humano é a sua consciência. *Ecologia*, São Paulo, v. 5, n. 54, ago, 1995.
9. COIMBRA FILHO, Ademar. A importância da conscientização na luta ambiental. -----, São Paulo, v. 5, n. 53, jul., 1995.
10. CRESPO, Samyra; LEITÃO, Pedro. *O que o brasileiro pensa da Ecologia*. Rio de Janeiro : Museu de Astronomia e Ciências afins, 1993. 253 p.
11. LARRAZABAL, Maria Eduarda de. O que eles esperam para o ano de 1996. *Jornal do Comércio*, Recife, 31 de dez, 1995. Ciência/Meio Ambiente.
12. MURPHY, Robert. Corpo e alma. *Ecologia*, São Paulo, v. 2, n. 21, nov., 1992.
13. NOGUEIRA NETO, Paulo. Eterna vigilância para proteger o meio ambiente.-----, São Paulo, v. 5, n. 52, jun., 1995.
14. THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. Tradução por João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. P. 454.